

HISTÓRIA, LINGUAGEM, FORMALISMO

Jean Quillien
Centro Eric Weil - Lille - FRANÇA

Minha intervenção refere-se particularmente ao final da comunicação de P.-J. Labarrière, que apresenta através da figura de Sócrates, relativa contudo a uma categoria antiga, a interpretação dos momentos decisivos da *Logique de la Philosophie*. Minha intervenção pode ser condensada em três palavras, e eu a explicitarei a partir delas: história, linguagem, formalismo.

1. História — Sócrates e Hegel

Refiro-me ao texto de Labarrière, p. 90, linhas 14ss. Estamos facilmente de acordo sobre o seguinte: Weil renuncia à correspondência hegeliana entre o lógico e o histórico, e isso graças ao conceito de *retomada*. Reconhecido este acordo, resta contudo que a ordem das categorias "reencontra" em grandes linhas o movimento da história efetiva: as categorias primitivas, gregas (da **Verdade** à **Certeza**), assinalando o limiar da nossa história e da nossa cultura, a categoria **Deus**, inaugurando nossa modernidade, depois as que vão da **Consciência**, propriamente moderna, até o **Absoluto**, e finalmente as posteriores a Hegel. Note-se que estamos de acordo até o **Absoluto** (cf. p. 88, linhas 20s.), mas divergimos, parece-me, a respeito do que vem depois de Hegel.

Estamos cientes da importância da história na *Logique de la Philosophie* ("logos do discurso eterno na sua historicidade" [LP:77]) e também da parte substancial das análises estritamente históricas feitas por Weil (Cf. os artigos publicados na *Revista Critique*).

Ora, a categoria da **Discussão** revela esta presença massiva da história (especialmente LP:123-4, com a crítica da concepção hegeliana). Weil insiste sobre a *contingência* do aparecimento da discussão. Leiamos: "É verdade que uma forma de vida... se impôs... o final da luta (não era) certo... Trata-se de um salto... não uma passagem... Ele poderia não ter acontecido... nascimento, não devenir...". E sobretudo: o aparecimento da discussão "é um fato, o fato mais importante da história... porque *ele constitui o ponto de partida dessa história*" (LP:124, grifado por mim). Note-se: esta leitura não é mais fichteana que kantiana?

A partir daí toda a evolução da **Discussão** ao **Absoluto**, de Sócrates a Hegel, pode-se interpretar da seguinte maneira: Sócrates abre a discussão (plano formal), Hegel a fecha, tendo posto todos os discursos (todas as teses) a dialogar uns com os outros, situando-os nos seus verdadeiros lugares no processo de auto-revelação da Verdade. Com Hegel a discussão, no sentido socrático, não é mais possível: o outro pode ter razão, mas só relativamente, enquanto que a discussão implica que o outro, tanto quanto eu, tenha eventualmente razão, sob a condição exclusiva da coerência formal.

Quanto a este ponto, eu resumo a trajetória Sócrates-Hegel-Weil: Sócrates inaugura a discussão, Hegel a fecha e dessa maneira a suprime (não se discute com o Absoluto), Weil a retoma, além de Hegel. Relacionado à história, isso significa: a discussão abre a história — nossa história. Hegel, pondo fim à discussão, anuncia o fim da história — dessa história que leva do puro formal à unidade acabada de forma e conteúdo. Essa história, contudo, continua — logicamente falando, bem entendido — pela retomada dessa categoria antiga (grega) como essencial. O que conduz à idéia de um duplo começo: o da *Discussão* (LP:124) e o do lógico da filosofia. Weil, o "Sócrates lógico", efetua um recomeço, sabendo que, para recomeçar, era preciso que o discurso se realizasse como absoluto. Essa conclusão comporta a duas conseqüências:

a) Uma semelhança entre a **Certeza** e o **Absoluto**, como entre a **Discussão** e a *Logique de la Philosophie*. Evidentemente, **Certeza** e **Absoluto** se opõem como não-saber total (para nós) e saber total que se sabe tal. Mas um importante ponto em comum os aproxima: a certeza; o discurso absoluto está totalmente certo de si, com uma certeza tão completa que não pode reconhecer o outro que o nega (a violência). No fundo, o lógico da filosofia é para o **Absoluto** o que é Sócrates para a **Certeza**. A mesma proximidade une Weil a Sócrates e a Kant (as Idéias são exigências de sentido e não de verdades metafísicas).

b) Pode-se falar de uma “grande ruptura” (p. 90, linha 18) entre o **Absoluto** e a **Obra** (ver também o esquema, na p. 91)? As duas categorias — tão opostas efetivamente numa primeira leitura — apresentam pelo menos esse ponto comum que as opõe a Sócrates, Kant e Weil, o abandono da discussão: — abandono aqui, pois ela se tornou inútil — abandono, com a **Obra**, no sentido de recusa total e absoluta, pois aceitá-la seria pôr-se a caminho, quer se queira quer não, na direção do **Absoluto** e restaurar o *Logos*.

Absoluto e **Obra** se opõem como razão e violência, pensar e agir. Esta oposição radical não deve mascarar o que eles têm de comum, a sua unilateralidade: *somente pensar, somente agir*. Eis porque entre eles qualquer discussão é impossível.

Em resumo: só há ruptura entre os capítulos XIII e XIV se continuamos a ler a passagem de um ao outro do ponto de vista do capítulo XIII. “Do ponto de vista” do **Absoluto** — se podemos nos exprimir assim — a passagem à **Obra** é incompreensível (é certo que isso vale para qualquer categoria, contudo, de maneira particularmente forte nesse caso)

2. Linguagem

Weil visa fundamentalmente o mesmo que Sócrates — e é isso que faz com que Sócrates, como escreve Labarrière, “está ainda vivo no meio de nós” (p. 89). Não é sem motivo que Weil insiste, como nota Labarrière, sobre “a busca de uma coerência formal do discurso” (p. 87, 2º §, linha 4). O denominador comum é o elemento da linguagem, ou antes a linguagem como elemento. Tudo começa com a descoberta da linguagem, único lugar possível da discussão (Sócrates), e tudo se acaba (a LP) com a total consciência de que tudo sempre se passou, do começo ao final, nesse elemento que é a linguagem (consciência pressentida pelo **Absoluto**, reconhecida pelo **Finito**, tematizada pela categoria do **Sentido**). Vejamos duas citações: “É pois a linguagem que é tudo e que faz tudo” (LP:126, **Discussão**); “A linguagem é aquilo no qual se constitui o **sentido**”. “Ela é liberdade” (LP:420,419, **Sentido**). Entre as duas categorias, **Discussão** e **Sentido**, um elemento novo, a liberdade, da qual Weil dizia ser o único conceito novo em toda a história da filosofia, e que é devido a Kant.

Vale também aqui a noção de recomeço.

Sócrates começa. Em que direção ele caminha? Na direção do discurso formalmente coerente. É justamente ele que o lógico da filosofia chama de “lógico”: Sócrates é “lógico enquanto inventor das leis que governam a linguagem” (LP:131). O discurso, afirmado graças a ele e realizado como ontológico, esquecerá esta origem; Platão trai Sócrates, e Hegel “tropeará” neste problema

da linguagem, tão bem desvelado por Hamann. O discurso absoluto nunca poderá se igualar com a infinitude, com a infinita espontaneidade criadora de sentido da linguagem. A profundidade de Heidegger consistiu em tê-lo descoberto. Seu limite foi ter ignorado a discussão. É verdade que ele conhece o diálogo — com os Pré-socráticos, com os poetas — que é, no final das contas, um diálogo numa única direção, o diálogo com o Ser, mas não uma discussão: não se discute com o *Es gibt*.

Weil compreende isso, mas se Heidegger se volta justamente para os Pré-socráticos, Weil dirige o seu olhar preferentemente para os Sofistas, e para o maior deles, Sócrates. A equação é significativa:

Heidegger <—> antes de Sócrates; Weil <—> Sócrates.

Os Pré-socráticos são os homens do *diálogo* (com a Deusa, com o Logos, com o Ser); Sócrates é por excelência o homem da *discussão* (numa comunidade humana, com os seres humanos). Heidegger dialoga, Weil discute.

Sócrates é o que descobre as leis da linguagem humana. Ora, que faz Weil? Ele põe ordem na variedade das linguagens mantidas pelos homens na história. A *Logique de la Philosophie* inteira não é mais que uma análise filosófica da linguagem humana (Cf. LP:420, linhas 3-4).

Em resumo: Weil reencontra a intuição originária (= a origem da filosofia) da discussão e a explicita da categoria da **Verdade** à categoria do **Sentido**, percurso que é a autocompreensão progressiva de que nada é senão pela linguagem do homem que enuncia aquilo que é. Sócrates é, pois, sempre atual, e Weil, em sentido muito forte (originário), é um Sócrates moderno. Sócrates descobre o discurso *formalmente* coerente e as categorias do **Sentido** e da **Sabedoria** são categorias formais. Essa conclusão me conduz ao terceiro ponto.

3. Formalismo

A comunicação de Labarrière evoca o “formalismo socrático” (p. 90, linha 5). Eu tenho a impressão que nela se detecta uma certa indecisão quanto a essa noção: a mesma palavra, “formal”, parece-me designar situações diferentes.

Uma observação antes de tratar disso. Eu não compreendo o que é que leva Labarrière a afirmar que a *lexis*, “discurso absolutamente coerente”, vale igualmente para Sócrates e para Hegel (p. 90, linha 4). Em que sentido a **Discussão** elabora um discurso absolutamente coerente? A *lexis* vale para Hegel — e somente para ele —, não para Sócrates. Faço esta observação de bom grado, pois estou de pleno acordo com Labarrière na sua formulação da

página 90, linhas 32-34. Eu simplesmente não consigo captar como as duas formulações podem se pôr de acordo.

Mas vamos ao essencial. Labarrière emprega a palavra “formal” em diferentes lugares. Principalmente a respeito de Sócrates: “coerência formal do discurso” (p. 87, linha 24), “ausência de conteúdo” (p. 88, linha 25), “este acordo permanece formal” (p. 88, linhas 31-32), “formalismo socrático” (p. 90, linha 5). O formal é, pois, o não-contraditório como único valor, na ausência (ou independentemente) de todo conteúdo. Mas Labarrière fala também de “abstração original” da **Verdade** e do **Não-Senso** e a palavra “formal” aparece nesse ponto no esquema proposto (cf. p. 91). Enfim, o texto evoca “a filosofia formal do sentido” (p. 91, linhas 4-5).

Daí a minha questão: não convém hierarquizar os níveis de formalidade?

1. Nível arqueológico: o formal de **Verdade**, **Não-Senso**, **Verdadeiro** e **Falso**.

2. Nível originário (origem de nossa história, origem da filosofia como exercício da razão): a **Discussão**, Sócrates e a Sofística.

3. Nível último: o formal das duas últimas categorias. **Sentido** e **Sabedoria** são categorias formais da filosofia, após as categorias concretas, do **Absoluto** à **Ação**.

É uma outra maneira de afirmar a circularidade: o discurso — a lógica da filosofia — começa e termina no formal.

Eu estou, portanto, de acordo e em desacordo com o esquema proposto na página 91. De acordo com a leitura da **Verdade** e **Não-Senso** como categorias formais (Cf. meu esquema em *Sept études sur Eric Weil*, Lille 1982, p.183). Em desacordo sobre a idéia de uma “grande ruptura” entre **Absoluto** e **Obra**. Finalmente, eu não chego a compreender a oposição feita no esquema entre **Verdade** e **Não-Senso** = formal, **Sentido** e **Sabedoria** = real. Que “real” é esse que é, contudo, formal — como se diz no próprio texto de Labarrière (p. 91, linhas 4-5)?

É por esse formal que Weil reencontra Sócrates e, pela mesma razão, Kant. De um lado a vertente *ontológica* da filosofia (Platão ou Hegel, a intenção ou a posse de um saber absoluto), de outro a vertente *antropológica*; de um lado as filosofias do Ser, de outro as do sentido; de uma parte as da “doutrina”, de outra as que Labarrière designa na conclusão como do “método”. Trata-se, simplesmente, da distinção entre aqueles para quem o filosofar não tem outra destinação que a de conduzir à filosofia e aqueles para quem a filosofia é um filosofar permanente.

Algumas questões suplementares. Eu gostaria de saber por que Labarrière escreve no seu texto:

— Na p. 84, linhas 11-12: "...culminará perigosamente". Estará o autor falando em nome próprio? Qual é o perigo que se teme?

— Na p. 84, linhas 25-26, que significa a expressão "weilismo consumado"? Em que sentido ela seria "incongruente"?

— Na p. 90, linhas 8-9, uma outra expressão me inquieta um pouco: "para as necessidades da causa". De que causa se trata? Se eu entendo bem, neste contexto, a expressão "aqui compreendido" quer dizer: na *Logique de la Philosophie*, e "para as necessidades da causa" manifesta um juízo pessoal do autor, bem dissimulado. Querer-se-ia dizer que Weil compreendeu mal a Hegel, que o hegelianismo não se reduz ao que é tematizado na categoria do Absoluto que é, contudo, o único caso, segundo Weil, no qual a categoria encontrou sua expressão teórica perfeita?

Esta passagem da comunicação de Labarrière parece-me inaceitável, pois ela repousa sobre uma importante ambigüidade. Ele escreve: Hegel compreendido "como a consumação da história da razão" (grifado por mim), e ilustra a afirmação com uma citação. Ora, nessa citação não é Weil quem fala, mas, sob sua pena, Hegel. Dito de outro modo, trata-se de um discurso indireto: eis o que diz o homem do discurso absoluto.

Daí a ambigüidade: o leitor compreende que, segundo Labarrière, para Weil ("aqui compreendido"), Hegel representa "a consumação da história da razão, o que Labarrière considera um erro ("para as necessidades da causa"). O problema é que Weil não diz isso. O juízo de Labarrière valeria para Heidegger, não para Weil. Para este, a meu ver, as coisas são simples: Hegel pretende ter completado a história da razão. Ele está, ao mesmo tempo, certo e errado. Certo: ele é o fim de *uma* história da razão; errado: não *da* história da razão. Dito de outro modo: ele é *um* fim, o que permite a passagem à *Obra*, seu outro radical, mas não *o* fim, o que permite a "superação" da *Obra*.

Mais fundamentalmente, se o hegelianismo fosse verdadeiramente, segundo Weil, a consumação da história da razão, não se veria bem o que poderia significar um empreendimento como a *Logique de la Philosophie*.

(Tradução de Flávio A. Gasparin e Marcelo Perine)

SÍNTESE NOVA FASE
46 (1989): 117-122

Endereço do autor:

55/73, rue du 11 novembre
59290 — Wasquehal — FRANÇA